



## **Estratégias procedimentais para o ensino de leitura de leitura**

Maria José Maia de Miranda

Mestre e doutoranda em Letras, Professora do IFRJ

mjmm1955@yahoo.com.br

### ***Resumo***

À medida que o aluno avança pelos diferentes graus de ensino, aumenta a necessidade de contato com o material escrito, exigindo maturidade em relação à leitura. A partir disso, poderá prosseguir, com independência, à procura do conhecimento. Este artigo tem, portanto, como finalidade, apresentar algumas estratégias, em relação ao trabalho que desenvolvemos com a leitura na escola. Tem como base a metodologia proposta por Silva (1992), que busca levar o aluno a investigar a perspectiva do mundo do autor: a matriz cultural com que este dialoga.

### ***A importância do ato de ler: parafraseando Freire***

À medida que o aluno avança pelos diferentes graus de ensino, a necessidade de contato com o material escrito se torna cada vez mais frequente, exigindo-se dele uma postura crítica diante do texto. Contudo, afirmações como “o aluno tem um baixo desempenho em leitura” vêm sendo feitas com muita frequência.

Por isso, promover estratégias que propiciem a oportunidade de o aluno desenvolver a maturidade diante da leitura é fundamental, não só para esse aluno poder cumprir satisfatoriamente as inúmeras tarefas designadas ao longo da vida estudantil, mas também, e, principalmente, para seguir com independência à procura do conhecimento, que abstraído, possa ser transferido para a vida. Além do mais, a escola, muitas vezes, é o único espaço reservado aos alunos para que estes tenham contato com textos “oficiais”.<sup>1</sup> Há ainda uma outra ponderação:

Há alunos que se julgam “ruins” de interpretação. Geralmente eles chegam a essa conclusão sobre si próprios porque as respostas que costumam dar para as perguntas feitas pelo professor não coincidem com as esperadas por ele, ou seja, não coincidem com as do outro que, na situação, está com o poder (SILVA, 2002, p. 109).

---

<sup>1</sup> Textos em prosa e verso. No caso dos primeiros, referimo-nos aos textos insistentemente escolhidos pela escola: os dissertativos (argumentativos/expositivos – quer seja de divulgação científica ou de natureza meramente informativa) e aos narrativos.

Nessas situações, cada vez mais frequentes, deve ser dado, caso os alunos queiram, o direito de projetar um futuro profissional, no veio dos conhecimentos institucionais. Para esse fim, eles deverão poder atender às exigências desse universo. Afinal, em conformidade com que afirmam Melo e Kramer (2001, p. 204), ler é uma questão que não “*se resolve com o aperfeiçoamento de métodos de alfabetização, pois a leitura é algo mais que um mero passo além da decifração*”.

Nesse sentido, o texto não pode ser tratado, conforme a escola vem fazendo: um depositário do qual se extraem informações. A leitura é uma atividade que envolve múltiplas funções – capacidade de estabelecer analogias, de antecipar informações - confirmando-as ou não -, de estabelecer hipóteses, inferências, entre outras. Funções estas que estão relacionadas às próprias condições de aprendizagem do mundo letrado.

Este artigo tem, portanto, como finalidade, apresentar algumas estratégias, em relação ao trabalho que desenvolvemos com a leitura na escola.

### ***Um outro mosaico para a leitura: parafraseando Silva***

A escola elegeu a frase como unidade comunicativa e vem, desde os primeiros graus de ensino, investindo numa pedagogia assentada nessa compreensão. Assim, o trabalho que desenvolvemos tem como um de seus objetivos levar o aluno a perceber que o texto é um todo significativo e não uma soma horizontal de frases. Além do mais, não é uma manifestação de uso reprodutivo e passivo da língua. Ao contrário, é fundamentalmente uma manifestação dialógica, produtiva e criativa.

Um outro objetivo é fazer o aluno desenvolver estratégias de decodificação textual que situem o texto na verticalidade, isto é, estratégias que evidenciem a macrossintaxe textual: desde inferências a partir de títulos e subtítulos, até o domínio da coesão textual. As estratégias são as que Hosenfeld (*apud* SILVA, 2002) estabelece como as tipicamente utilizadas pelo leitor maduro: retenção de significado enquanto lê; leitura em grandes blocos; uso de fontes de informação variadas (ilustrações, sinais gráficos, etc); inferências a partir de títulos e subtítulos; adivinhação do sentido das palavras a partir do contexto; avaliações de suas próprias previsões; utilização de dicionário como último recurso; utilização do conhecimento de mundo na decodificação do significado; conceito positivo de si enquanto leitor; percepção dos itens coesivos como elementos de textura; extrapolação da compreensão a partir do texto original; domínio das superestruturas textuais.

A metodologia em que nos baseamos é aquela proposta por Silva (1992; 2002), em *Como trabalhar o texto nos 1º e 2º graus e Repensando a leitura na escola*. Nesses livros, o autor preconiza; a) a inserção do texto na verticalidade como uma forma de começar a transformar o hábito de leitura - de frase por frase, de palavra por palavra; b) e a adoção, de que ler não é uma entrada em espaços absolutamente desconhecidos como desavisadamente acreditamos ser.

### ***Desenvolvendo as estratégias procedimentais<sup>2</sup>***

Em consonância com o que preconiza o item b), da seção anterior, o trabalho com o texto, num primeiro momento, tem o propósito de ampliar a capacidade referencial do aluno sobre o assunto a ser lido. Sempre que possível, buscamos levá-lo a investigar a perspectiva de mundo do autor, a matriz cultural a que ele se filia (Anexos I, II, III).

Perceber que o que vai ler não é a verdade absoluta, não é a única visão que se tem do assunto, ou do objeto; que o que ele vai ler está de acordo com um ponto de vista determinado e que é esse ponto de vista que fornece a orientação que o autor dá ao assunto.

Numa segunda fase, por intermédio de uma ficha de previsão, a finalidade é acionar o conhecimento de mundo na decodificação de possíveis sentidos. Chama-se, aqui, a atenção para a importância de título e subtítulos, estimulando inferências a partir deles. Existe a possibilidade de aparecerem antecipações de problemas e formulação de hipóteses bastante pertinentes ao assunto. É nesse ponto também que o aluno deverá avaliar as próprias previsões (Anexos IV e V).

Pode ocorrer de algumas previsões não se confirmarem. Não é, contudo, este o objetivo central. A estratégia visa a uma atitude pró-ativa do aluno diante do texto. Nessa perspectiva, quaisquer que sejam as suas previsões, o importante, no processo de compreensão, é ele se avaliar naquilo de que se aproximou e se afastou na leitura do texto, configurando um primeiro nível de compreensão.

Ao estudar o texto propriamente dito, num terceiro momento, desenvolvemos alguns procedimentos, visando ao domínio

a) da estrutura global ( estruturas textuais e leitura em grande blocos);

---

<sup>2</sup> Com a finalidade de ilustrar o trabalho com os nossos alunos, incluímos neste artigo alguns anexos. O texto trabalhado se intitula *A lâmina da guilhotina* (ALVES, 2000, p.109-114). Essa foi uma atividade desenvolvida com turmas do primeiro período do curso técnico-médio de nossa Instituição.

b) da estrutura superficial (utilização dos itens coesivos, como elementos de textura, inferência de significado das palavras a partir do contexto, uso de sinais gráficos e de informações variadas, como elementos que entram na constituição do sentido;

c) da capacidade de interlocução; investimento na percepção do aluno em relação às entrelinhas textuais, o que possibilita o questionamento das verdades do texto (Anexo VI).

Por último, por todo o encaminhamento dado, solicitamos ao aluno que perfaça o circuito da atividade argumentativa, de modo que ele mesmo construa um texto, a fim de apresentar o conhecimento produzido durante todo o processo.

### *Algumas considerações a mais*

A primeira consideração refere-se ao fato de que, quando se vai trabalhar com a leitura na escola, é preciso reconhecer que ela não está necessariamente relacionada ao prazer. *O papel da escola é desenvolver habilidades de leitura e de escrita.* Muitas vezes, tais atividades só são desenvolvidas pelos nossos alunos neste espaço institucional. Suas atividades de lazer são costumeiramente outras.

Conforme salienta Bagno (2003, p.48): *“Tradicionalmente, somos um povo que lê pouco: nossas práticas sociais, mesmo entre as classes abastadas, sempre foram muito mais guiadas pela oralidade do que pela cultura livresca.”*

É compreensível, portanto, que em decorrência desta herança, o aluno veja a leitura na escola como sinônimo de tarefa. E se a leitura é uma mera tarefa, se o assunto que se vai ler não desperta interesse, se o conhecimento que se tem sobre o tema em pauta é nenhum ou muito restrito, se a arquitetura do texto não é percebida ou soa estranha, entre outros possíveis motivos, é de se esperar que o texto não faça sentido. Se essa situação de leitura malfadada perdura, agravada por situações em que a oportunidade de contatos com textos “oficiais” se dá apenas na escola, é natural que o aluno veja nessa atividade uma tarefa desagradável, embora reconheça, muito a contragosto, que é necessária. *“Ninguém gosta de continuar fazendo aquilo que é difícil demais, que está além de sua capacidade”* (KLEIMAN, 2004, p. 8).

Além do mais, cremos que os problemas de leitura, com que nos deparamos na sala de aula, não podem ser avaliados na contramão daquilo que pregamos (a polissemia da palavra); cremos também que não podemos definir exclusivamente, como estratégia pedagógica acertada, aquela que se apoia na seguinte proporção: quando parte significativa dos alunos atendem às expectativas traçadas quanto à produção do sentido do texto eleito pelo professor,

avalia-se que o trabalho foi bem conduzido. O problema estaria em certo tipo de aluno. Este, dentro, mas excluído da escola, também vai encontrar o seu lugar no mundo. Tal atitude esmaga ainda mais a autoestima do aluno-leitor, além de não combinar com o sentido inclusivo que a educação diz ter.

Ao longo desses muitos anos de magistério, temos feito algumas reflexões sobre a importância do afetivo na instância do cognitivo. Todos nós temos lembrança e, por isso, sabemos que a disciplina de melhor êxito era sempre aquela em que nos sentíamos autoconfiantes quanto ao nosso desempenho. Por estranhos caminhos, sentíamos-nos afeitos à figura do professor, a seus procedimentos e, por conseguinte, seduzíamos-nos pela natureza daquele campo do saber. Muitas vezes, não é o método que se impõe pedagogicamente, mas a atitude afetiva.<sup>3</sup>

Assmann (2001, p. 30) nos afirma o caráter pluri-sensual do conhecimento que *só emerge em sua* dimensão vitalizadora quando tem algum tipo de ligação com o prazer. São dignas de destaque ainda as palavras colhidas por este autor na obra de Luís Carlos Restrepo, intitulada *El derecho a la ternura*:

Não cabe dúvida de que o cérebro necessita do abraço para seu desenvolvimento, e as mais importantes estruturas cognitivas dependem deste alimento afetivo para alcançar um nível adequado de competência. Não devemos esquecer, como Leontiev destacou há bastantes anos, que o cérebro é um autêntico órgão social, necessitando de estímulos ambientais para seu desenvolvimento. Sem aconchego afetivo o cérebro não pode alcançar seus ápices mais elevados na aventura humana (*apud* ASMANN, 2001, p. 31).

No universo da problemática que envolve a leitura, Kleiman (2004, p. 7) destaca a dificuldade, o despreparo do professor para lidar com as estratégias que envolvem tal processo. Por isso a necessidade de aprofundar os estudos que estão diretamente relacionadas às atividades com a leitura e de poder oferecer alternativas concretas para as práticas pedagógicas.

Quanto à condição polissêmica do texto, mencionada no quarto parágrafo desta seção, gostaria de fazer uma ressalva: não se está aqui defendendo a ausência de critério para validar qualquer interpretação. Trata-se de entender que é possível haver outros sentidos e, como afirma Orlandi (1998, p.22), é exatamente essa possibilidade que vai permitir *o gesto de*

---

<sup>3</sup> Reforçando o que se disse, leia o que nos ensina Byington a respeito da relação afeto/ aprendizagem: “Tomemos, por exemplo, o ensinamento do gosto de estudar uma determinada matéria. Existe algo mais pedagógico do que ensinar um aluno a gostar de estudar determinada matéria? No entanto, se tentarmos a via do ensino construtivo exclusivamente racional, poderemos tentar ensinar isso durante muitos anos em vão. O melhor caminho para este fim é a própria vivência do professor com a matéria que, por via simbólica, pode ser transmitida ao aluno consciente ou inconscientemente. O prazer do professor em lidar com a matéria, sua emoção e criatividade, seu entusiasmo para ensiná-la com o SER inteiro podem conseguir motivar o aprendizado do aluno no nível do self mais do que muitas explicações racionais no nível do Ego.” (*apud* FAZENDA, 1995)

*interpretação*; a leitura enquanto exercício de alteridade. Daí a autora defender que: “*Os sentidos podem sempre ser outros, nessa relação, mas há sempre determinação histórica*”.

É esse mesmo entendimento que nos faz ver a necessidade de continuar buscando caminhos para tentar diminuir o máximo possível o distanciamento entre a leitura produzida pela autoridade escolar e a produzida pelo aluno. Outros caminhos que ponham em evidência as condições de produção do texto, suas determinações externas, co-ocorrentes na produção de uma certa interpretação.

## ***Anexo I – Ressuscitando as múmias***

### *1ª Parte*

1.1) Você e seu grupo irão fazer uma viagem no tempo. Para isso, elaborem uma pesquisa sobre os principais pensadores da humanidade que contribuíram com a formação da cultura ocidental.

GRUPO I: Ptolomeu / GRUPO II: Copérnico / GRUPO III Kepler

GRUPO IV: Galileu / GRUPO V: Diderot

1.2) Procure informações nos livros, nas enciclopédias, nas ilustrações e outras fontes de que possam oferecer informações sobre a atuação desses pensadores em seu tempo e sua contribuição para todas as áreas do conhecimento, até os dias atuais.

**OBS.: se você for à Biblioteca Nacional, procure o setor de referência e o de iconografia.**

### *2ª Parte*

A partir das informações obtidas em sua pesquisa, elabore uma matéria, nos moldes do *perfil do consumidor*.

Para a execução desse perfil, “entreviste” cada um dos pensadores e faça-os revelar suas preferências de leitura, visão de mundo, relações de amizade - de trocas culturais, influências filosófico-científicas, contribuições importantes para a sociedade, além de outras particularidades que possam resgatar aspectos de vida socialmente significativos destas personalidades. A finalidade deste perfil é promover uma troca de informações, ajudando a todos a compreenderem melhor o texto que será lido posteriormente

## ***Anexo II***

Vocês estão recebendo um material para auxiliá-los *na elaboração do perfil da personalidade pesquisada*. Leiam-no com bastante atenção e façam o levantamento das informações relevantes para o perfil que vocês vão elaborar.<sup>4</sup>

## ***Anexo III: Pesquisa***

Na próxima aula, você vai ler um texto de um pensador chamado Rubem Alves. Faça uma pesquisa sobre ele *e elabore um perfil do consumidor*. Nesta pesquisa, procure levantar informações como sua história de vida, sua produção intelectual, sua visão de mundo (que idéias relevantes defende/ataca), sua afinidade com outros pensadores. Por você estar numa escola de formação científico/tecnológica, procure investigar o que pensa o autor sobre ciência e tecnologia.

## ***Anexo IV: uma conversa inicial***

Antes de lermos o texto da aula de hoje, vamos tentar proceder de forma **meio parecida** com a que agimos lá fora quando decidimos ler. Ao escolhermos o que lemos, os fatores que costumam determinar esse **desejo** podem ser as informações que temos sobre o autor e sobre o tema de que gostaríamos de continuar aprofundando, ou ainda, um comentário positivo de algum amigo. Da mesma forma, isso pode ocorrer com os livros escolhidos, as matérias de revistas, os filmes, enfim, com uma série de outros tipos de textos. Na verdade, estamos chamando atenção para o fato de que a leitura fora da escola está “preenchida” por fatores que ajudam em muito a compreensão de vocês.

Por esse motivo, esta ficha de “adivinhação” é um dos procedimentos, entre outros, que estamos tomando para ajudar a alargar a compreensão do texto a ser lido. *Dividam-se em grupo para discutirem e apresentarem as considerações a respeito das previsões abaixo.*

### **Ficha de Previsão**

1- Depois da pesquisa e do perfil do consumidor feitos sobre o autor Rubem Alves, você já é capaz de prever algumas questões em relação ao texto que vai ler. A primeira delas é a seguinte: que tipo de

---

<sup>4</sup> Foi apresentado aos alunos um exemplo de perfil em conformidade com aqueles que são produzidos em jornais e revistas. Além disso, foram também disponibilizados alguns verbetes conceituais, extraídos de manuais como, por exemplo, os da *Folha de São Paulo* e os de *O Globo*.

texto – narrativo, dissertativo, descritivo, estrutura mista – vocês acham que o autor vai utilizar para organizar as suas idéias?

2- O autor procurará construir um texto o mais neutro possível ou buscará firmar um ponto de vista bem definido?

3- O texto de Rubem Alves está relacionado ao tema da ciência e tem o seguinte título: *A lâmina da guilhotina*. Relacionando, preliminarmente, o título ao texto, vocês acham que o autor se colocará contra ou a favor do discurso vigente sobre o papel da ciência para a humanidade?

4- O autor se utilizará de acontecimentos fictícios ou de fatos reais históricos? Com que finalidade deverá estar fazendo isso?

5- Como se dará, possivelmente, a distribuição das idéias nesse texto?

( ) O autor falará de uma situação concreta e dará exemplos abstratos para confirmar seus fundamentos.

( ) O autor desenvolverá idéias abstratas e ilustrará tais idéias com exemplos de situações concretas para dar mais clareza e força a seus argumentos.

#### ***Anexo V: avaliação das previsões***

Faça uma primeira leitura do texto de RUBEM ALVES – *A lâmina da guilhotina* – e avalie suas previsões. As questões a seguir têm por finalidade orientá-lo na avaliação dessas previsões.

1- Em torno de um mesmo tema, existem divergências travadas na sociedade. E os textos, orais e escritos, se pronunciam a esse respeito, sempre marcando, por meio de um ponto de vista, uma posição contrária ou a favor,

a) Que debate social está sendo travado para que alguém seja motivado a escrever um texto como *A lâmina da guilhotina* ?

b) Qual o posicionamento mais aceito na sociedade?

c) Como o autor se coloca no texto em relação a esse debate social?

2- O autor utiliza dados fictícios ou históricos?

Prove, mostre no texto.

Por que ele utiliza esses recursos? O que essa providência confere à sua argumentação?

3- Como você previu que se daria a organização das idéias?

Avalie sua previsão, analisando o seguinte trecho:

*Parece, por exemplo, que esse foi o caso de Copérnico, que colocou o sol no centro do planeta, em lugar da terra...(Parágrafo 3)*

4- Encontre um outro momento no texto em que a organização das idéias se dá da mesma forma.



## ***Anexo VI***

### ***A organização global das idéias no texto***

No interior de um texto, pode ocorrer uma mudança, fruto de uma **tensão** entre o que vinha sendo dito e o que vai ser dito. Podemos constatar esta movimentação em *A lâmina da guilhotina*. Num primeiro momento, o autor mostra a inauguração da ciência como positiva; num outro, o estabelecimento da ciência como um fator negativo.

Identifique no texto o momento dessa transformação. Qual a intenção do autor ao criar esse embate de idéias?

### ***Recursos lingüísticos a serviço da argumentatividade***

Um dos **mandamentos** para um bom desempenho de leitura (SILVA, 2002, p.59) está abaixo transcrito:

Não investir na idéia de que os textos são neutros. A palavra é dialógica. Quando se diz algo num texto, esse algo é dito em resposta a outro algo que já foi dito em outros textos. Um texto é sempre decorrente de outros textos, sejam eles escritos orais, reais ou imaginários.

Dentre outras coisas, isso quer dizer que as palavras e as frases no texto não estão ali empregadas ao acaso. Estes recursos são também meios utilizados para argumentar **a favor de** ou **contra** certos posicionamentos circulantes na sociedade. Não há, portanto, neutralidade. E o ponto de vista defendido no texto gera adesão de uns e embate de outros. Por que, forçosamente, os textos – orais ou escritos - possuem um ponto de vista, o produtor se constitui como sujeito humano. À medida que eu, leitor, me manifesto a favor ou contra aquilo que está sendo defendido, também me constituo com sujeito humano. Assim as identidades dos sujeitos e daquilo que os cerca vão sendo construídas.

Vamos ver agora como o autor constrói a identidade da Ciência, em função do argumento que defende.

1- O texto usa duas expressões que marcam uma oposição: classe sacerdotal de roupa preta X classe sacerdotal de roupa branca.

Essa oposição permite argumentar a favor de uma diferença de essência ou de aparência?

2- Um poderoso recurso de linguagem usado com fins argumentativo no texto é a metáfora. Este é um recurso a partir do qual dois termos **são aproximados** por haver entre eles traços de semelhança.

Assim como em todo o texto, no primeiro parágrafo, existe uma série de expressões metafóricas como: *Gostos litúrgicos, sacerdote do saber, vestes talares multicoloridas, “ordens mendicantes”, rituais esotéricos.*

Do ponto de vista da argumentação desse texto, por que a metáfora foi largamente usada?

3- Complete as lacunas da frase abaixo.

O termo *religião* está para....., assim como o termo *Ciência* está para.....

4- A palavra é dialógica: toda declaração negativa implica uma declaração positiva e vice-versa. Nem sempre o que o texto diz está nele claramente explicitado.

Observe o trecho em destaque:

“...em que o que está em jogo não é a verdade fria das galáxias, mas um certo fervor que faz com que todos se reconheça como membros de uma mesma procissão do saber.”

O que foi previamente “dito”- ou seja, aquilo que está implícito – para que se possa construir uma declaração negativa como “...o que está em jogo não é a verdade fria das galáxias...”?

5- Faça o levantamento da estrutura **...não...mas**. Em seguida, comente como o autor a utiliza para construir a sua argumentação.

6- Um texto, além de ser constituído pela voz do autor, ele o é por outras vozes. Melhor dizendo, é a incorporação de outros discursos, sejam eles escritos, orais, reais ou imaginários (SILVA, 2002, p.59).

a) Levando em consideração o que acima foi dito e o que foi estudado neste roteiro, aponte no texto passagens que evidenciem a) vozes atribuídas a terceiros – a determinado segmento da sociedade; b)vozes atribuídas a personagens da história científica;

Observe como está grafada a palavra ciência no texto. Por que ela aparece em todo o texto com letra maiúscula?

7-Escreva um texto conclusivo que expresse o conhecimento que você **produziu** durante todo o processo desenvolvido até então.

### ***Agradecimentos***

Agradeço ao Prof. Dr. Maurício da Silva, a quem muito devo a minha formação de professora/educadora.

## **Referências**

ALVES, Rubens. *Estória com quem gosta de ensinar*. Campinas: Papyrus, 2000.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

FAZENDA, Ivani. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papyrus, 1995.

KLEIMAN, Angela. *Leitura: ensino e pesquisa*. 2ª. ed. Campinas: Pontes, 2004.

MELO, Dinorá Machado; KRAMER, Sonia. Leitura e escritura como experiência. KRAMER, Sonia; OSWALD, Maria Luiza (Orgs). *Didática da linguagem: ensinar a ensinar ou ler e escrever?* Campinas: Papyrus, 2001. p. 197-206.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.

SILVA, Maurício. *Repensando a leitura na escola*. 3ª. ed. rev. e amp. Niterói: EdUFF, 2002.

SILVA, Maurício. *Como trabalhar o texto no 1º e 2º graus: uma proposta prática*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1992.